



# ESCOLA DA FÉ

ANO PASTORAL 2020/2021

## CATEQUESES SOBRE O PAI NOSSO

PARÓQUIA DE MATOSINHOS (SALVADOR) - 01.MAR.2021

### Pedir com confiança

Jesus põe nos lábios dos seus discípulos uma prece breve, audaz, formada por sete pedidos — um número que na Bíblia não é casual, indica plenitude. Digo audaz, porque se Cristo não a tivesse sugerido, provavelmente nenhum de nós — aliás, nenhum dos teólogos mais famosos! — ousaria rezar a Deus desta maneira.

Com efeito, Jesus convida os seus discípulos a aproximar-se de Deus e a fazer-lhe com confiança alguns pedidos: antes de tudo em relação a Ele e depois em relação a nós. Não há prefácios no “Pai-Nosso”. Jesus não ensina fórmulas para “adular” o Senhor, aliás, convida a pedir-lhe abatendo as barreiras da reverência e do medo. Não diz para se dirigir a Deus chamando-lhe “Onipotente”, “Altíssimo”, “Tu, que estás tão distante de nós, eu sou miserável”: não, não diz assim, mas simplesmente “Pai”, com toda a simplicidade, como as crianças

se dirigem ao pai. E esta palavra "Pai", expressa a confiança e a confiança filial.

A oração do "Pai-Nosso" funda as suas raízes na realidade concreta do homem. Por exemplo, faz-nos pedir o pão de cada dia: pedido simples mas essencial, o qual diz que a fé não é uma questão "decorativa", separada da vida, que intervém quando todas as outras necessidades foram satisfeitas. No máximo, a oração começa com a própria vida. A prece — ensina-nos Jesus — não começa na existência humana quando o estômago está cheio: ao contrário, existe onde quer que haja um homem, um homem qualquer que tem fome, que chora, que luta, que sofre e se pergunta "porquê". A nossa primeira prece, num certo sentido, foi o gemido que acompanhou o primeiro respiro. Naquele choro de recém-nascido anunciava-se o destino de toda a nossa vida: a nossa fome contínua, a nossa sede perene, a nossa busca de felicidade.

Jesus, na oração, não quer apagar o humano, não o quer anestésiar. Não quer que moderemos as perguntas nem os pedidos aprendendo a suportar tudo. Ao contrário, quer que cada sofrimento, qualquer preocupação, se projete rumo ao céu e se torne diálogo.

Ter fé, dizia uma pessoa, significa acostumar-se ao brado.

Todos deveríamos ser como o Bartimeu do Evangelho (cf. Mc 10, 46-52) — recordemos aquele excerto do Evangelho, Bartimeu, o filho de Timeu — aquele homem cego que mendigava às portas de Jericó. Tinha à sua volta tantas pessoas bondosas que lhe impunham o silêncio: "Cala-te! O Senhor passa. Cala-te. Não incomodes. O Mestre tem muitas coisas a

fazer; não o aborreças. Tu importunas com os teus gritos. Não perturbes”. Mas ele não ouvia aqueles conselhos: com santa insistência, pretendia que a sua mísera condição pudesse finalmente encontrar Jesus. E bradava mais alto! E as pessoas educadas: “Não, é o Mestre, por favor! Ficas mal visto!”. E ele bradava porque queria ver, queria ser curado: «Jesus, tem piedade de mim!» (v. 47). Jesus restitui-lhe a vista e diz-lhe: «A tua fé te salvou» (v. 52), como que para explicar que o mais decisivo para a sua cura foi aquela prece, aquela *invocação bradada com fé*, mais forte que o “bom senso” de muitas pessoas que queriam que ele se calasse. A oração não só precede a salvação, mas de certa forma já a contém, pois liberta do desespero de quem não acredita numa saída para tantas situações insuportáveis.

Depois, certamente, os crentes sentem também a necessidade de louvar a Deus. Os evangelhos contêm a exclamação de júbilo que promana do Coração de Jesus, cheio de grata admiração pelo Pai (cf. *Mt 11, 25-27*). Os primeiros cristãos sentiram até a exigência de acrescentar ao texto do “Pai-Nosso” uma doxologia: «Porque teu é o poder e a glória nos séculos» (*Didaqué, 8, 2*).

Mas nenhum de nós é obrigado a aceitar a teoria que no passado alguém propôs, isto é, que a oração de pedido seja uma forma tibia da fé, enquanto que a oração mais autêntica seria o louvor puro, aquele que procura Deus sem o peso de pedido algum. Não, isto não é verdade. A prece de pedido é autêntica, espontânea, é um ato de fé em Deus que é Pai, que é bom, onipotente. Trata-se de um ato de fé em mim, que sou pequenino, pecador, necessitado. E por isso a oração para pedir algo é muito nobre. Deus é o Pai que tem imensa

compaixão por nós, e deseja que os seus filhos lhe falesem sem medo, chamando-lhe diretamente “Pai”; ou nas dificuldades dizendo: “Mas Senhor, o que me fizeste?”. Por isso podemos contar-lhe tudo, até aquilo que na nossa vida permanece distorcido e incompreensível. E prometeu-nos que teria ficado connosco para sempre, até ao último dia que vivermos nesta terra. Rezemos o Pai-Nosso, começando assim, simplesmente: “Pai” ou “Papá”. E Ele compreende-nos e ama-nos muito.

## **No centro o sermão da montanha**

O evangelho de Mateus coloca o texto do “Pai-Nosso” num ponto estratégico, no centro do sermão da montanha (cf. 6, 9-13). Entretanto observemos o cenário: Jesus sobe à colina junto do lago, senta-se; em seu redor, em círculo, estão os seus discípulos mais íntimos, e depois uma grande multidão de rostos anónimos. É esta assembleia heterogénea a primeira que recebe a recomendação do “Pai-Nosso”.

A colocação, como foi dito, é muito significativa; pois neste longo ensinamento, que está sob o nome de “sermão da montanha” (cf. *Mt* 5, 1-7, 27), Jesus condensa os aspetos fundamentais da sua mensagem. O começo é como um arco decorado para a festa: as Bem-aventuranças. Jesus coroa de felicidade uma série de categorias de pessoas que no seu tempo — mas também no nosso! — não eram muito consideradas. Bem-aventurados os pobres, os mansos, os misericordiosos, as pessoas humildes de coração... Esta é a revolução do Evangelho. Onde há o Evangelho há revolução. O Evangelho não nos deixa impassíveis, estimula-nos: é revolucionário. Ao contrário, todas as pessoas capazes de amor, os artífices de paz, que até então tinham acabado nas

margens da história, são os construtores do Reino de Deus. É como se Jesus dissesse: ide em frente vós, que levais no coração o mistério de um Deus que revelou a sua onipotência no amor e no perdão!

Desta porta de entrada, que inverte os valores da história, sobressai a novidade do Evangelho. A Lei não deve ser abolida, mas precisa de uma nova interpretação, que a reconduza ao seu sentido originário. Se uma pessoa tem um coração bondoso, predisposto para o amor, então compreende que cada palavra de Deus deve ser encarnada até às suas últimas consequências. O amor não tem confins: pode-se amar o próprio cônjuge, o próprio amigo e até o próprio inimigo com uma perspectiva totalmente nova. Jesus diz: «Eu, porém, digo-vos: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem. Fazendo assim, tornar-vos-eis filhos do vosso Pai que está no Céu, pois Ele faz com que o Sol se levante sobre os bons e os maus e faz cair a chuva sobre os justos e os pecadores» (Mt 5, 44-45).

Eis o grande segredo que está na base de todo o sermão da montanha: *sede filhos do vosso Pai que está nos céus*. Aparentemente estes capítulos do Evangelho de Mateus parecem ser um sermão moral, parecem evocar uma ética tão exigente impossível de praticar, mas ao contrário descobrimos que são sobretudo um discurso teológico. O cristão não é alguém que se compromete a ser mais bondoso que os outros: sabe que é pecador como todos. O cristão é simplesmente um homem que para diante da nova Sarça Ardente, da revelação de um Deus que não inclui o enigma de um nome impronunciável, mas que pede aos seus filhos que o invoquem com o nome de “Pai”, que se deixem renovar pelo seu poder e

que reflitam um raio da sua bondade para este mundo tão sedento de bem, à espera de boas novas.

Eis, portanto, como Jesus introduz o ensinamento da oração do "Pai-Nosso". Fá-lo afastando-se de dois grupos do seu tempo. Antes de tudo os hipócritas: «não sejais como os hipócritas, que gostam de rezar de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas, para serem vistos pelos homens» (Mt 6, 5). Há pessoas capazes de tecer orações ateias, sem Deus e fazem-no para serem admirados pelos homens. E quantas vezes nós vemos o escândalo daquelas pessoas que vão à Igreja e ficam lá o dia inteiro ou vão todos os dias e depois vivem odiando os demais ou falando mal das pessoas. Isto é um escândalo! É melhor não ir à igreja: vives assim, como se fosses ateu. Mas se vais à igreja, vive como filho, como irmão e dá um verdadeiro testemunho, não um contratestemunho. Ao contrário, a oração não tem outro testemunho crível a não ser a própria consciência, na qual se entrelaça um contínuo diálogo muito intenso com o Pai: «Tu, porém, quando oraes, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, reza em segredo a teu Pai» (Mt 6, 6).

Depois Jesus distancia-se da oração dos pagãos, «que usam de vãs repetições [...] porque pensam que, por muito falarem, serão atendidos» (Mt 6, 7). Talvez aqui Jesus faça alusão àquela "*captatio benevolentiae*" que era a premissa necessária de tantas preces antigas: a divindade devia ser de qualquer forma acalmada com uma longa série de louvores, até de orações. Pensemos naquele cenário do Monte Carmelo, quando o profeta Elias desafiou os sacerdotes de Baal. Eles gritavam, dançavam, pediam muitas coisas para que o seu deus os ouvisse. E Elias, ao contrário, estava em silêncio e o Senhor revelou-se a Elias. Os pagãos pensam que falando, falando,

falando, falando se reza. E também eu penso em tantos cristãos que creem que rezar é — desculpai — “falar a Deus como um papagaio”. Não! Rezar faz-se com o coração, de dentro. Ao contrário — diz Jesus — quando rezas, dirige-te a Deus como um filho ao seu pai, o qual sabe do que precisas ainda antes que tu lho peças (cf. *Mt 6, 8*). Poderia ser também uma prece silenciosa, o “Pai-Nosso”: no fundo é suficiente pôr-se sob o olhar de Deus, recordar-se do seu amor de Pai, e isto é suficiente para sermos ouvidos.

É bom pensar que o nosso Deus não precisa de sacrifícios para conquistar o seu favor! Não tem necessidade de nada, o nosso Deus: na oração pede unicamente que mantenhamos aberto um canal de comunicação com Ele para nos descobrirmos sempre seus filhos amadíssimos. E Ele ama-nos tanto.